

Deus na Filosofia Existencial de Karl Jaspers

Natanael Gabriel da Silva

Resumo

O artigo tem o propósito de trazer à discussão a tentativa de Jaspers no dizer sobre Deus. Sua obra, *Filosofia*, de 1932, situa-se num tempo de discussão sobre os limites da objetividade, e a emergência numa busca de elaboração filosófica que fosse além da razão. A questão do simbólico já estava sendo colocada, a analítica existencial de Heidegger já publicada fazia a transição direta entre a epistemologia e a ontologia, e Jaspers discutindo a crítica da objetividade, que para ele inclui a ontologia, propõe uma discussão sobre os limites da linguagem, por intermédio das “cifras”. Para se compreender a questão de Deus, como a cifra do uno, torna-se necessária a compreensão do que seria realidade abrangente, e o que seria cifra, especificamente no pensamento de Jaspers. Independente de Jaspers ter ou não conseguido justificar adequadamente o seu conceito, ou de estar mais próximo da metafísica do que pretendia, sua filosofia é uma das primeiras tentativas de se pensar o problema da linguagem, pela perspectiva existencial. As metáforas de Nietzsche, os símbolos de Tillich e a ontologia de Heidegger, para Jaspers, de certo modo, teriam sido insuficientes, e a única forma de se pensar em Deus, seria mediante as cifras.

Palavras-chave: Deus, existencialismo, Uno abrangente, fé filosófica, ser-em-si, cifras.

Abstract

God in the Existential Philosophy of Karl Jaspers

This article has the purpose to discuss Jaspers' attempt to talk about God. His work on philosophy starting from 1932 is situated in a time of discussion about the limits of the objectivity and the emergence of a philosophical elaboration that would reach beyond reason. The symbolic question was already being discussed, that is, the existential analytical of Heidegger was already published marking the transition between the epistemology and the ontology. Jaspers, discussing the critique to objectivity, proposed a discussion about the limits of the language using the “codes”. In order to comprehend God as the code for unity. Thus, it's necessary the comprehension of what is the broader reality and of what is code in Jaspers' thinking. Independently if Jaspers accomplished or not of he intended to, his philosophy is one of the first tentatives of thinking the problem of the language through the existential perspective. Nietzsche's metaphors, Tillich's symbols and Heidegger's ontology were to Jaspers insufficient and the only way to think about God would be through codes.

Key words: God, existentialism, broader one, philosophical faith, codes

Introdução

O texto de Jaspers aparece num período de crise e de busca de significado do pensamento. Embora Jaspers tenha escrito a sua obra principal em 1932, alguns anos depois

de *Sein und Zeit*, de Heidegger, publicado em 1927, e possivelmente em resistência a este, sua obra literária tem o mesmo problema que havia surgido naquele período, desde a filosofia da vida, particularmente no discurso profético, para usar as palavras de Tillich, de Nietzsche. A velha metafísica, em crise desde o racionalismo kantiano, e novamente em crise com o problema de objetivação, de certo modo criado desde a idéia de ser, em Aristóteles, sufocava nesta objetividade e corria-se o risco de levar a filosofia, sua parceira, para o in-significado.

Scheleiermacher já havia tentado encontrar um lugar onde não houvesse sentido, mas sentimento. Já era uma fuga conceitual e a religião como 'sentimento', que não deve ser compreendido num sentido psicológico, mas praticamente abria a possibilidade do discurso do que além da possibilidade objetivadora, mais precisamente, na profundidade. Por conta disto, naquele final e início do século, serão forjados os primeiros apontamentos sobre o problema simbólico, sob a perspectiva do atual quadro do estudo hermenêutico. Freud, Cassirer e Tillich, dentre outros, começaram a desenvolver sistemas que poderiam significar uma fuga de sentido, ou para o desvelamento do simbólico (Freud e Cassirer), ou para pensar no símbolo como reserva de sentido, que se dá ao ser humano por meio da participação (Tillich). Heidegger se preocuparia mais com os signos, do que com os símbolos. Enquanto símbolo, e expressões afins, aparecem menos que uma dezena de vezes, em todo *Sein und Zeit*, os signos aparecem cerca de uma centena. Entre os símbolos, que têm uma natureza religiosa, pois apontam para o mito, e os sinais que têm uma condição de hermenêutica ontológica do que está à frente, na manualidade (Heidegger), e que têm uma natureza objetivadora, Jaspers se dedica à elaboração de um novo sistema de possibilidade de in-compreensão, ao que chama de *cifras*. Seu pensamento central sobre Deus é: Deus é a cifra do Uno. Talvez o pensamento por demais teológico, num século em que o problema ontológico e filosófico foram praticamente envolvidos pela filosofia da práxis do materialismo histórico, encontrar-se com Jaspers em tempos de pós-modernidade é algo bastante agradável.

O Uno como Realidade Abrangente

Jaspers elabora um diálogo na tentativa de superar a objetividade da filosofia, quer pela ciência, teologia ou ainda da própria ontologia. Como veremos, pouco adiante, Jaspers sistematiza, em forma de relação, em que sentido a filosofia rompe com a ontologia, na tentativa de superá-la. Esta crítica à objetivação, também se traduz numa análise do *Dasein* de Heidegger, uma vez que este é lido por Jaspers como sendo a *presença empírica*, limitada à mundaneidade, da qual, cativa, não permite ao ser a superação em transcendência.

A *realidade abrangente*, é tema central no pensamento de Jaspers. Não se trata de um retorno à metafísica, mas uma superação da metafísica, sem negá-la. Penzo enfatiza que a pretensão de Jaspers seria a purificação da metafísica, como forma de demonstração dos limites do conhecimento, mais do que a possibilidade da superação da finitude.¹ Ou seja, o ser humano não consegue visualizar o todo pelo lado de fora, e está circunscrito ao horizonte do qual faz parte. O ser em si mesmo seria esta realidade abrangente, que se manifesta no finito, e ao mesmo tempo não se dá à compreensão de sua totalidade.²

A realidade abrangente sempre se anuncia simplesmente - em objetos presentes e no âmbito dos horizontes - mas nunca se torna um objeto. Nunca

¹ Giorgio Penzo, *Karl Jaspers – O Divino como Liberdade Absoluta*, in Penzo, Giorgio & Gibellini, Rosino, *Deus na Filosofia do Século XX*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Edições Loyola, pág. 239ss

² Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago, 1973, pág. 21/2

aparecendo a nós ela mesma, é aquilo que tudo o mais parece. É ainda aquilo por que todas as coisas não apenas são o que imediatamente parecem ser, mas permanecem transparentes.³

Isto quer dizer que para Jaspers há uma liberação do *nosso sentido do ser da sua conexão com o conhecimento*.⁴ Em outras palavras a unidade entre o que se busca conhecer e a possibilidade do conhecimento do ser, têm uma relação de atração, sem que uma imponha a outra o seu sentido.

Há assim um paradoxo, uma vez que a *realidade abrangente* só pode ser considerada a partir de uma determinada objetividade, que se abre para a incompreensão, ou seja, se abre como forma de possibilidade de leitura, mas ao mesmo tempo não se compreende porque se trata do ser em si mesmo, isto é, "realidade" que não pode ser conhecida. *Tudo que tenha, para nós, ser, ao ser conhecido adquire uma profundidade da sua relação com esse domínio, de onde sai para nos encontrar, anunciando o ser sem ser idêntico a esse domínio.*⁵ Assim, a *realidade abrangente*, que é uma e una, se manifesta em dois modos, por um lado o ser em si mesmo, a alteridade do ser humano "onde" o ser humano se torna ser, e por outro lado o que sou eu e nós, ao que Jaspers chama de *consciência-em-geral*. *Desta forma, a realidade abrangente surgia em dois modos. A realidade abrangente na qual surge o ser em si mesmo é chamada mundo. A realidade abrangente que sou eu e que somos nós é chamada consciência-em-geral.*⁶

Jaspers concebe assim a unidade básica, do que evita mencionar como ontologia, do ser humano em sua condição de imanência, que é a existência, consciência em geral e espírito. O ser humano "salta" para fora da imanência, por dois modos: *do mundo para a deidade e da existência do espírito consciente para a Existenz. A Existenz é o eu-ser que se relaciona a si mesmo e por isto mesmo à transcendência de que sabe que foi dada a si mesmo e sobre a qual acha-se assentada.*⁷ Neste caso, a *Existenz* é uma tentativa de superação ao *Dasein* porque dá ao ser humano a possibilidade de superação como "lançado no mundo", impondo-lhe, pela transcendência, a condição de poder-ser. Este poder-ser traduz como tarefa, não como posse, ou possibilidade de categorização, trata-se de uma (in)compreensão:

Meu eu autêntico não pode nunca tornar-se uma posse minha; permanece minha potencialidade. Se eu o conhecesse, não seria mais ele, dado que me torno interiormente consciente de mim mesmo na existência temporal apenas como uma tarefa.⁸

Grabau, que prefacia a obra *Filosofia da Existência*, identifica a *Existenz* como:

Primeiramente ela é absolutamente única. É cada ser humano individual como um ser particular, concreto histórico, na medida em que for autêntico. Neste sentido, Jaspes utiliza-se da **Existenz** para se referir às pessoas individualmente consideradas. Fala de **Existenz** como fazendo ou querendo alguma coisa. Em segundo lugar a **Existenz** é a derradeira fonte ou substrato de cada eu individual. Nesta última qualidade pode ser compreendida como

³ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 22

⁴ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 22

⁵ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 23

⁶ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 25

⁷ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 25

⁸ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 45

um princípio de liberdade, de criatividade ou de pura espontaneidade. Não se refere a um único indivíduo, mas a uma qualidade da vida - existência autêntica - da qual os indivíduos podem ou não participar. Neste sentido, **Existenz** é uma estrutura universal, e Jaspers a descreve por meio de conceitos tais como historicidade, liberdade, intrepidez e assim por diante.⁹

Assim, Jaspers acreditava ter superado a ontologia, uma vez que apenas o *filosofar* poderia conceber a superação da objetividade, sem, contudo, se transformar numa infinitude, proposta pela teologia. O limite da ontologia se dá como objetividade, e o limite da teologia se dá infinito. Ao mesmo tempo em que há um poder-ser, uma transcendência e superação em liberdade, também há o “limite” da *realidade abrangente*, que é ao mesmo tempo “real”, mas não possível de ser apropriada objetivamente. Neste caso, a filosofia seria a (im)possibilidade de sua compreensão.

A fonte do ser é o vazio. O ser se mostra como ser pela transcendência.¹⁰ A transcendência se descobre na imanência, na existência empírica do ser humano. O ser humano ao transcender encontra a sua existência, que é a unidade da presença como busca, *una presencia que no existe más que como busca, que no está separada de aquello que busca... lá transcendencia tiene que estar ya presente cuando lá busco.*¹¹

Elaborando um quadro, a partir da relação que Jaspers faz entre ontologia e o filosofar, poderíamos ter:¹²

	Ontologia	Filosofar
Quanto ao “limite” do pensamento	<i>para a ontologia, todas as coisas eram apenas aquilo que o pensamento concebia que fossem;</i>	<i>para o filosofar, tudo está simultaneamente impregnado pela realidade abrangente, ou mais, tudo está, praticamente, perdido</i>
Quanto ao ser e ao objeto	<i>A ontologia esclarecia o significado das proposições acerca do ser ao fazer uma referência retroativa a um primeiro ser</i>	<i>o filosofar esclarece a realidade abrangente na qual tudo [o] que pode ser traduzido em proposições tem sua fonte e fundamento.</i>
Quanto à objetivação	<i>A ontologia fazia a tentativa de uma elucidação objetiva - ou seja, apontada como alguma coisa imediatamente evidente no pensamento imanente</i>	<i>o filosofar encontra o ser indiretamente no pensamento transcendente. O modelo para o significado da elucidação da realidade abrangente é uma gorias, bem ordenada, enquanto que o modelo para o significado da elucidação da realidade abrangente é uma vinculação inter-correlacionada de linhas esclarecedoras que se movem como se estivessem em suspensão.</i>

Com isto podemos compreender que para Jaspers a ontologia é uma espécie de “fotografia”, que se aproximaria da concepção do “ôntico” de Heidegger, cuja única possibilidade seria “compreender” apenas até “onde” o pensamento poderia chegar, cuja busca

⁹ Richard F. Grabau, in Jaspers, Karl – *Filosofia da Existência*, xxii

¹⁰ Karl Jaspers – *Filosofia*, tomo II. Trad. Fernando Vela. Madri: Universidad de Puerto Rico, 1959, pág. 356

¹¹ Karl Jaspers – *Filosofia*, II, pág. 357

¹² Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 26/7

se limita ao ser e não o seu sentido, ou seja, o sentido seria apenas o possível a ser “encontrado” no deslocamento, sem levar em consideração o que dele teria ficado “esquecido” ou impossível de ser apreendido pelo pensamento. Para isto, seria necessária uma espécie de “fotografia”, ou recorte estático, sem a captação do movimento, que teria o seu sentido na expressão da liberdade em Jaspers. Talvez tenha sido por esta razão que Penzo compreendeu que em Jaspers a relação entre o divino é a liberdade, intitulando a sua reflexão como: *O Divino como Liberdade Absoluta*. Neste caso, a liberdade, diante da ontologia, seria existencial: a superação em transcendência sob o limite da *realidade abrangente*. Como a *realidade abrangente* não é passiva de cognoscibilidade na sua totalidade, a própria liberdade seria por ela preservada, e não teria limite, em face da impossibilidade de compreensão. Diz Jaspers: *a realidade abrangente preserva minha liberdade contra a cognoscibilidade*.¹³ O conhecimento tem o seu limite e jamais poderá compreender a realidade abrangente. *Nenhuma ciência da religião (história, psicologia ou sociologia da religião) compreende a realidade da religião... A fé real não é cognoscível*.¹⁴

Poderia parecer que Jaspers estaria opondo duas situações que dariam uma certa proximidade entre um diálogo da pergunta filosófica com a resposta teológica. Ou seja, uma pergunta a partir da dimensão categorial do ser humano, com uma resposta que vem ao encontro a partir de um outro pólo. Isto seria demonstrar o limite da filosofia, que de certa forma, necessitaria do círculo místico para a sua superação e a “solução” para os seus dilemas. Jaspers não deseja isto, a *realidade abrangente* não é dada por “revelação”, como também não é o Nada. Fica claro que se esta *realidade abrangente* se traduzisse no nada, o ser humano em sua transcendência e liberdade, estaria à mercê da *angústia ontológica*. *A realidade abrangente* tem um “conteúdo” que é o ser em si como a alteridade do ser, que impulsiona este ser à liberdade.

O conhecimento se movimenta neste deslocamento para o conhecimento do que não é, e com isto realiza o salto rumo à *realidade abrangente*. O seja:

é o salto da realidade abrangente que somos enquanto existência, consciência, espírito, para a realidade abrangente que podemos ser, ou que somos autenticamente como **Existenz**. E é também o salto da realidade abrangente que conhecemos enquanto mundo para a realidade abrangente que o ser em si mesmo é.

Este salto é decisivo para a minha liberdade. Porquanto a liberdade existe apenas como transcendência e pela transcendência.¹⁵

O filosofar nos modos da realidade abrangente é uma questão de resolução - a resolução da vontade-para-o-ser de separar-se a si mesma de todo conhecimento determinado do ser, depois que eu tenha apossado do seu pleno prodígio, de modo que o ser-em-si-mesmo possa verdadeiramente vir a mim.¹⁶

A realidade abrangente não é o Nada. O Nada seria um estar diante de onde não me encontro, ou onde não se encontra qualquer coisa que possa apontar para a realidade abrangente. Na verdade, na realidade abrangente está o ser em si mesmo, ou a própria

¹³ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 29

¹⁴ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 29

¹⁵ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência* – pág. 30

¹⁶ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 31/2

alteridade: *Eu mesmo sou dado a mim mesmo.*¹⁷ Isto afastaria até mesmo a possibilidade do Nada: *...se o nada vier a mim, se eu não amar, se o que é não vier a mim através do amor e eu não me transformar em mim mesmo através dele, então permanecerei no final como uma existência que só pode ser utilizada como material bruto.*¹⁸

Assim, a *verdade*, que seria esta busca de sentido da *realidade abrangente*, é validade como *exatidão compulsória*.¹⁹ Ou seja, tem o sentido de *fé* como impulsão a uma abertura na verdade que não pode ser encontrada na sua totalidade, mas que esta lá como verdade, pois é a impulsão que se valida como evidencia de si, pois a abertura se faz pelo filosofar.²⁰ Portanto há um modo de verdade, apesar da impossibilidade de se compreender a totalidade da realidade abrangente.²¹

Um problema que poderia ser levantado, e Jaspers está consciente disto, é: como poderia o ser humano fazer a leitura do que faz parte, uma vez que para o conhecimento são necessários, ao mesmo tempo, aproximação e distanciamento? Para Jaspers o ser humano é exceção, tanto à existência universal, como ao universalmente válido e em relação ao espírito.

Se, recapitulando, perguntarmos agora o que é a exceção, que achamos filosoficamente tão importante, a coisa nos escapa. Excepcionalidade não é uma categoria genérica que possa ser usada para definir uma pessoa. A palavra visa a um conceito de possibilidade que seja uma fonte de verdade, passando através de todos os modos de realidade abrangente e ficando fora de qualquer definição, absolutamente. É como se fosse a abrangência de tudo aquilo que abrangesse, não obstante não absoluto em si mesmo, mas antes achegando-se a nós em concretude histórica e, ao mesmo tempo, repelindo-nos à medida que iluminasse, remetendo-nos para nós mesmos.²²

O que permite a leitura daquele que faz parte, como possibilidade de aproximação e distanciamento é a impulsão da imanência à transcendência. A imanência é cognoscível²³, e o que se abre é o horizonte da *realidade abrangente*. Esta impulsão, em Jaspers, é compreendida como a *fé filosófica*. A questão seria então saber se a *fé filosófica* impulsiona o ser humano para além de si, e que, portanto poderia negar o ser, numa espécie de projeção quando o ser se deslocaria do ser, ou se daria na dimensão do finito, e se aproximaria do *Dasein*.

Na verdade, Jaspers considera as duas coisas, a *fé filosófica* é uma impulsão à transcendência, uma vez que procura o que não pode ser objetivado, mas que de alguma maneira “sabe” que está ali. Contudo, a *fé filosófica* é também dimensão do finito, a partir da historicidade do ser humano. Diferente da *fé religiosa*, que concebe a condição de transcendência como certa, em algo cognoscível, garantida pela autoridade, mediada pelo mito e pela revelação, a *fé filosófica*, por outro lado, tem o seu fundamento na liberdade, numa leitura “não cognitiva”, mas não irracional, diante de uma impossibilidade categorial, que é a *realidade abrangente*. Por esta razão, a *fé filosófica* não pode “reificar” o “resultado” de sua projeção, pois se mostra como possibilidade de abertura transcendental em liberdade, e, em

¹⁷ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 34

¹⁸ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 35

¹⁹ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 45

²⁰ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 45

²¹ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 47

²² Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 53/54

²³ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 92

razão disto, não pode fazer uma “leitura” a partir de símbolos, sinais ou fenômenos. A esta “leitura” transcendental, impossível de ser codificada até por metáfora, símbolo ou signo, que se traduz numa perspectiva existencial e transcendental, Jaspers identifica como *cifras*.²⁴

As Cifras como Leitura Transcendental

Jaspers entende que a possibilidade da transcendência encontra sentido na “leitura” existencial, que se dá mediante ao que ele chama de *Cifras*. Estas estão no profundo das coisas, relacionam-se à sua condição de “existência”:

Lo que es fenómeno se piensa y describe por medio de conceptos. Lo que yo soy propriamente y puedo llegar a ser como yo mesmo es captado en los signos. Aquello que es auténtica realidad y experimentable sólo para la “existencia” se hace presente en las cifras.²⁵

A tarefa em tentar diferenciar os signos e os símbolos das *cifras* em Jaspers não é fácil. Isto evidentemente se dá porque a questão simbólica tem recebido inúmeras contribuições, desde então, pela hermenêutica. Parece que o conceito de símbolo está mais próximo das *cifras* hoje, do que Jaspers poderia supor. Contudo, a diferença essencial apontada pelo próprio Jaspers, é que os signos e símbolos são, de certa forma, uma maneira de categorização, mesmo que aponte para uma superação do seu próprio significado. O símbolo, ao se referir ao simbolizado, “transforma” o simbolizado no limite cognitivo. Na verdade, para Jaspers, o símbolo que não faz isto, não é símbolo. Assim as cifras estariam um pouco além disto, uma vez que se reporta ao que não pode ser compreendido pela razão, mas ao mesmo tempo aponta transcendentalmente para o que “é”, mas que também “não-é”, pela impossibilidade da apreensão de sua totalidade, mas que não é religião. Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia*, diz:

Segundo Jaspers, [cifra] é a ‘linguagem da transcendência’, isto é, o símbolo mediante o qual o ser transcendente pode estar presente na existência humana sem, contudo, adquirir caracteres objetivos e sem fazer parte da existência subjetiva.²⁶

Em sua obra, *Filosofia*, Jaspers dedica um considerável espaço para refletir sobre a cifra, procurando mostrar que as *cifras* são uma superação tanto na relação de “ser-objeto”, como possibilidade de aproximação e distanciamento do objeto para que este possa ser compreendido, como também a superação do “ser-sujeito”, numa categorização da alteridade. Diz Jaspers:

La cifra es el ser que trae a presencia la trascendencia, sin que la trascendencia tuviera que ser un ser como ser-objeto ni la “existencia” un ser como ser-sujeto. Por el contrario, se cae desde el origen del presente auténtico en la esfera de la “consciencia en general” cuando la trascendencia, en las cifras interpretadas, se torna objeto en cuanto conocido, o cuando las

²⁴ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág. 151ss

²⁵ Karl Jaspers – *Filosofia da Existência*, pág.155ss

²⁶ Nicola Abbagnano – *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti (novos textos). São Paulo: Martins Fontes, verbete “cifras”.

formas de comportamiento de la subjetividad, como órgano de la percepción y de la producción de la experiencia metafísica, son concebidas y cultivadas.²⁷

O “estar” desde a origem, apontado por Jaspers, não tem o sentido de temporalidade, ou qualquer perspectiva histórica. Trata-se da origem, no sentido existencial, limite de possibilidade de uma comunicação existencial, portanto na “raiz” da existência, como forma “anterior” à possibilidade cognitiva. As três formas, fenômenos, signos e cifras são indispensáveis na busca da realidade abrangente. Ou seja, não é possível “conquistar” a realidade abrangente sem que dela se aproxime existencialmente. Enquanto a “leitura” pelos fenômenos e signos têm uma natureza “cognitiva”, mesmo se considerada até certo ponto, são as cifras que possibilitam uma “leitura” existencial.

Quando hablamos de senales (Zeichen), símbolos y cifras, es posible diferenciarlos. Y así, la senal es la significación definible de un otro, en cuanto tal accesible inmediatamente; símbolo es la presencia de un otro en plenitud intuitiva en la cual el significar y lo significado son inseparablemente uno, estando lo simbolizado únicamente presente en el símbolo; en fin, la cifra es lenguaje de lo trascendente, accesible sólo a través del lenguaje, y no en el símbolo mismo, por medio de la identidad de cosa y símbolo.

Nosotros preferimos el vocablo cifra al de símbolo. Cifra significa “lenguaje”, lenguaje de la realidad, que sólo puede ser escuchada de esta manera y a la que sólo es posible referirse así. Por el contrario, símbolo es una representación de algo, aun cuando este algo sólo pueda hacerse presente en el símbolo y de ningún otro modo. En los símbolos estamos dirigidos intencionalmente a un otro que en él se torna objeto y en él se hace presente. Pero los símbolos pueden convertirse también en momentos del lenguaje de las cifras. Y entonces quedan incorporados al movimiento del pensamiento dirigido hacia la trascendencia o que parte de aquélla. Cuando esto sucede, pierden la seducción de su sustancialidad, pero sin caer en la futilidad de “mero símbolos”²⁸

Lo que habla en las cifras no es audible por ningún entendimiento que pretenda experiencias “reales” sensibles y pruebas, sino tan sólo a la libertad de la “existencia”, a la que mediante este lenguaje se el comunica la trascendencia.²⁹

As cifras constituem-se numa forma de “manifestação” existencial, quase um limite de possibilidade de aproximação. Contudo, o ser humano em liberdade, supera as cifras, não podendo ser investigada, por ser uma experiência estranha à objetividade.

Há uma alteridade de projeção e transcendência que “remete” o ser humano para a existência, para a unidade ou o ser em si. Trata-se de uma nossa outra origem, não cognoscível, mas não irracional, apenas impossível de ser compreendido pela dimensão cognitiva. É a origem, como outro mundo, sem ser outro mundo, uma vez que é a totalidade do que sempre será tido como parcial, como um recorte. No caso, o outro mundo, tem uma conotação de transcendência, e quando “lá” se apropria em liberdade, não se concebe como

²⁷ Karl Jaspers – *Filosofia II*, pág. 505

²⁸ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*. Trad. de Gonzalo Diaz y Diaz. Madrid: Editorial Gredos, 1968, pág. 156

²⁹ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pág. 157

"outro mundo" uma vez que não pode ser compreendido a partir de uma categoria do conhecimento, apenas pela cifra: "...el mundo no lo es todo para nosotros, pero tampoco hay ningún otro mundo. A través de este mundo como lenguaje cifrado, llegamos a conocer aquello que nos habla desde nuestro propio origen, que nos remite a él y que a él nos une."³⁰

A questão é que não existem dois mundos. Com esta afirmação Jaspers quer mostrar que a unidade se dá a partir do que é finito, na liberdade do ser para a existência, que é o encontro com o ser em si. O mundo é o limite do conhecimento, do ser humano, sua angústia, vida e morte.

A transcendência, para Jaspers, não é uma condição do *ser-aí*. Isto porque este, além de ser um momento, o instante existencial do ser lançado no mundo, tem dificuldades para relacionar o "aí" com o movimento de seus vários momentos, ruptura e conservação, como se o *Dasein* pudesse e necessitasse ser "um outro", e ao mesmo tempo "o mesmo" em cada momento. A transcendência, é transcendência enquanto movimento que experimenta o mundo, tendo a liberdade como sua referência e origem, ou seja existencial, do ser humano.

Voy a repetir una vez más: la trascendencia se hace presente cuando se piensa y experimenta el mundo, no como lo que consiste en sí mismo y existe en sí, sino como tránsito. Esta trascendencia es el punto de referencia par a libertad humana. Como libertad, el hombre se aclara a sí mismo en su origen, en aquello que está más allá de la totalidad del mundo y de la naturalidad de la existencia empírica.³¹

Uma questão que poderia ser levantada é sobre a diferença entre esta filosofia existencial e a revelação, uma vez que ambas parecem apontar para um estado de superação do ser, ou para uma transcendência. Jaspers diz que não acredita em revelação.³² Para ele a revelação não se limita ao tempo, e é dado ao ser humano como algo "de fora", cuja leitura existencial só pode ser "compreendida" através das cifras. A filosofia, por outro lado, tem como objetivo buscar a origem do ser humano, entendendo-se origem aqui não no seu sentido histórico ou biológico, mas no sentido existencial, ou ainda como o próprio limite do ser. Jaspers diz: *Este pensar, cuando procede de una revelación históricamente determinada que lo limita al tiempo, se llama teología, y cuando acaece desde el origen del ser hombre, filosofía*. Pouco adiante, Jaspers completa: *La revelación misma se convierte para la filosofía en cifra. La filosofía se opone a la dogmática teológica.*³³

Jaspers procura mostrar como se dá a forma de leitura do mundo, a partir de alguns conceitos-parâmetros, que passam pela ruptura entre o sujeito e o objeto. A ruptura é necessária e permite a leitura do fenômeno, ao mesmo tempo que há um modo de envolvimento (*Umgreifende*), quando se busca no objeto o que está além do próprio objeto, numa aproximação em totalidade, a partir da *existência empírica (Dasein)*, da *consciência em geral e do Espírito*. Estes "elementos", acrescidos do mundo, formam a dimensão da imanência, por um lado, e pelo outro, a "existência" e a "transcendência"

³⁰ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pág. 18

³¹ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pág. 31

³² Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pág. 21

³³ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pág. 22

Se da un salto entre la inmanencia y la trascendencia: de un lado, la existencia empírica, la conciencia en general, el espíritu y el mundo; del otro, la "existencia" y la trascendencia.³⁴

Não são dois mundos, e a finitude não significa categorização, que é o "alcance" da racionalidade. Exemplo disto seria o "ser", que é finito, mas ao mesmo tempo é inacessível por qualquer conceito, signo e símbolo. Também não é possível aproximar-se dele pelo fenômeno, pois nem a este é acessível. Quando o "ser" é dado já se transformou na "existência empírica", ou seja, deixou de ser "ser". Só é possível o "ser" como transcendente, e para "compreendê-lo" transcendentemente, só por uma "comunicação" existencial e transcendental, que é a *cifra*.

Deus como Cifra da Realidade Abrangente

Por uma questão de delimitação, estudaremos este assunto a partir do texto: *Fe Filosófica ante la Revelación*.³⁵ Neste texto, Jaspers identifica três cifras fundamentais da divindade: Deus uno, o Deus pessoal e o Deus que se fez homem.

Na "demonstração" do Deus uno, Jaspers se preocupa às indicações desta cifra, como possibilidade de leitura existencial. A primeira demonstração seria a multiplicidade de deuses e crenças que praticamente se opõem, mas que, compreendidas sob a dimensão da cifra, são a indicação da realidade abrangente³⁶. A "absorção" pelo uno do ser humano, é o encontro com a alteridade, ou com a *Existenz*, o que eu de fato sou, existencialmente. *Para* o ser é transcendência, e *no* ser é o uno: *Lo uno existe para mí a un tiempo en la trascendencia una y en mí como lo uno, al que mi realización histórica sigue*.³⁷ Há um distanciamento do uno ao infinito quando se está diante da realidade abrangente o que e possibilita uma estreita proximidade existencial ao ser-mesmo, pela liberdade.³⁸ Isto quer dizer que o uno da transcendência é eternidade plena: *Lo uno de la trascendencia es la eternidad plena*.³⁹ A história torna-se o "espaço", o "onde", na qual o uno incondicionalmente submerge para fazer-se real. É neste "momento" que atua o distante Deus, abarcando todos os modos da historicidade, sem ser jamais abarcado.⁴⁰ A "comunicação" existencial, como força que absorve, pela alteridade, se realiza, o que Jaspers chama de "luta amorosa", tangencialmente, como "toque" no uno. Isto quer dizer que o encontro da "comunicação" realizado no toque preserva a condição transcendental do ser, que não tem o seu sentido "imposto" pelo uno, caso contrário Jaspers estaria a um passo de reconhecer o autoritarismo da Revelação.

Na condição histórica, o uno "dialoga" com a existência empírica, o *Ser-af*. Trava-se uma luta de âmbito vital, como diz Jaspers, que encerra pelo englobamento do uno, que os une.⁴¹ Assim a cifra do uno se impõe sobre todas as cifras, em suas pluralidades, profundidade ou ambivalência.⁴²

O que Jaspers pretende é mostrar que a realidade abrangente, não pode ser confundida com o uno, ou Deus uno, caracterizado pelo sistema religioso, pois este sempre se mostrará

³⁴ Karl Jaspers – *La Fé Filosófica ante la Revelación*, pag. 117

³⁵ Karl Jaspers, pág. 220ss

³⁶ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 221

³⁷ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 220

³⁸ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 220/1

³⁹ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 221

⁴⁰ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 221

⁴¹ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 221

⁴² Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 222

como autoritário, dogmatizado e de certa forma, categorizado. O uno da realidade intramundana, não "esgota" o uno enquanto realidade abrangente, uma vez que esta não pode ser absorvida. Assim, Deus se mantém num "estado" de aproximação, mas também de ruptura existencial: *No desaparece el Dios uno cando se le niega su identificación con lo uno de una realidad mundana? Se dice: el hombre sólo puede creer cuando "realiza" el objeto de su fe. Un Dios que no se torne uno, en el sentido de una realidad sensible, es para el hombre como si no fuera en absoluto: no pude ser creído y no se cree en él.*⁴³

Pouco adiante, Jaspers completa: *si lo uno permanece en la lejanía, es como si no "existiera". Es lo abstracto, la vaciedad, lo negativo. El Dios uno es algo rígido y sin vida. Su singularidad negativa carece de contenido.*⁴⁴

Para Jaspers, o Deus pessoal, é demonstrado desde o Antigo Testamento como cifra, incluindo a cifra do *pensamento de Deus*. A cifra assim considerada como dado fundante da religião judaico-cristã, é a forma como o ser humano se coloca diante do *tú de Dios*.⁴⁵

Esta dimensão da alteridade pode parecer que a transcendência e o Deus pessoal se tornam uma única "coisa". Ao que parece esta aporia se apresenta sem uma solução adequada em Jaspers, apesar dele estar consciente disto. Isto porque se a transcendência se torna igual ao tu de Deus, em certo sentido ocorre uma "categorização", a tal ponto que este passa a ser "controlado" e "possível" à existência. É claro que o conceito de cifra perderia o seu sentido, e estaria mais próxima de uma *visão beatífica*, e o avanço de Jaspers teria sido nulo. Por outro lado, se há ruptura, há ruptura, por mais redundante que possa parecer, e a cifra, neste caso se torna uma impossibilidade. A "solução" encontrada por Jaspers está na aproximação e no afastamento da alteridade. Há uma unidade dialética, embora o próprio Jaspers não utilize esta expressão. Diz: *El Dios personal protege y exige, es benévolo y riguroso, piadoso y colérico. Ama al hombre y es justo. El hombre se aproxima a él confiado y temeroso a un tiempo.*⁴⁶

A realidade fundamental não é a unidade absoluta entre a transcendência e o tu de Deus, mas entre a transcendência e a liberdade. O problema que então poderia surgir é se de fato uma realidade abrangente, ou um conceito de um Deus pessoal, não seria uma imposição do ser humano na construção do sentido do mundo, para que o próprio ser humano tivesse o seu sentido. Sob este enfoque, Jaspers dualiza, mostrando que a realidade abrangente é envolvente, até o aparecimento da cifra de Deus, ou em outras palavras, a "relação" da comunicação transcendental, ao mesmo tempo "objetivamente" existencial da cifra do Deus pessoal, e a subjetividade inalcançável do ser si mesmo. Neste caso, o *el fundamento trascendente, permanece oculto*.⁴⁷ Estas cifras não são criações arbitrárias, mas foram criações transmitidas, desde há muito tempo, e que permanecem sendo transmitidas.⁴⁸ Neste caso, estaríamos diante de uma nova "categoria" da realidade abrangente, que é a realidade histórica como um todo. Ou seja, as cifras adquirem um significado e possibilidade de leitura transcendental como meio de "compreensão" da história como uma unidade. Mesmo que o Deus pessoal, seja entendido como uma pluralidade de formas, quer sejam as cifras dos

⁴³ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág 225

⁴⁴ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág 225

⁴⁵ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág. 226

⁴⁶ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág 226

⁴⁷ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág 227

⁴⁸ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 229

deuses da Índia, ou da China.⁴⁹ *De la cifra del Dios uno y personal hay que hablar originariamente de manera esencialmente histórica, y no sólo en conceptos generales.*⁵⁰

Contudo, o problema em explicar a extensão do conceito de Deus como cifra, poderia ser melhor compreendido na encarnação. Neste ponto Jaspers deixa bem claro que Jesus, pela sua natureza histórica, não pode ser compreendido como cifra, senão o conteúdo de sua verdade. O fundamental, segundo Jaspers, seria o por quê de outros "divinizados" serem considerados como monstruosos, e em Jesus este sentido ter assumiu uma conotação diferente. Nisto, segundo Jaspers, está a cifra. A decisão, neste caso, não seria uma opção entre Jesus como cifra, ou Jesus Cristo como Deus, mas sim em que sentido Jesus Cristo poderia ser compreendido como cifra. A resposta que Jaspers apresenta é que Jesus Cristo como cifra relaciona-se à sua verdade espiritual revolucionária,

superadora de todo lo precedente y de la que dio testimonio. Como judío en la sucesión de sus precursores, los grandes profetas, insistió no reconocimiento de la caída do hombre, no tratando ni de excusarla ni de atenuarla por cualesquiera disculpas. Con una honestidad sin precedentes, denunció al mundo, al tiempo que lo hacía denunciarse a sí mismo, aunque llevándole a cabo impulsos de su amor y por gracia de una sobrecogedora fe divina, o, más bien, desde el mismo reino de Dios. Jesús se volvió contra el contento de los satisfechos y los afortunados, de los morales y de los felices, y mostró en el Sermón de la Montaña, cuya realización resulta imposible en este mundo, cómo deberían actuar sobre la tierra los hombres del reino de Dios.⁵¹

A proclamação desta cifra do sofrimento de Jesus, e não a cifra de Jesus mesmo, foi abandonada pela criação teológica dos apóstolos e das estruturas das igrejas, pregando e vivendo à margem desta mensagem.

Jaspers chama a este desvio do sentido do sofrimento de Cristo, quer seja pela *theologia gloriae* (Tomás de Aquino), ou pela *theologia crucis* (Lutero), como *especulação cristológica*.⁵² Neste caso a fé se tornou especulação e objeto de busca, enquanto o sofrimento de Jesus assumiu um caráter secundário. A fé no credo da encarnação só pode ser objeto de obediência, perdendo-se completamente o sentido da cifra e a transcendência em liberdade do ser humano, pois só pode ser apropriado ou rechaçado, mesmo que existencialmente.⁵³

Ao que parece, Jaspers quer demonstrar que Jesus, enquanto aquele que assume uma possibilidade divina, sem ser considerado um "monstro", é inaudito, mas escondido por detrás do Cristo, que sob o enfoque da filosofia, não significada nada. Diz: *Puede también interpretarse a Cristo como cifra, o no? A través de Cristo, la trascendencia deja de estar oculta en la pluralidad de las cifras de Dios para revelarse como Dios "real". Algo inaudito! Jesús puede, como hombre, la igual que otros hombres, actuar sobre cada cual como cifra. Pere o Cristo, como Dios "real" y corpóreo, no es crido como cifra.*⁵⁴ (235)

Se Cristo não for cifra, será o quê? Jaspers responde apenas que o problema não é filosófico, mas religioso. Ou seja, diante da filosofia, para Jaspers, isto não significa nada.

⁴⁹ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 229

⁵⁰ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 230

⁵¹ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 237

⁵² Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 261

⁵³ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 264

⁵⁴ Karl Jaspers, *Fe Filosófica ante la Revelación*, pág, 235

Conclusão

Para Jaspers Deus é a cifra do uno. Uno como realidade abrangente, e cifra como "comunicação" existencial.

Algumas questões poderiam ser levantadas a partir disto. Primeiro reconhecer a tentativa de Jaspers em aproximar a leitura de Deus através de uma dimensão simbólica, ou de pelo menos tentar dissociar o símbolo do símbolo, numa díade, tanto de rompimento na superação da categorização simbólica, quanto numa aproximação dialética existencial. Em segundo lugar, a possibilidade de conceber uma dimensão e forma de "comunicação" existencial, como "objeto" de leitura transcendental, na leitura da tentativa de superação do ensimesmamento do ser.

Por outro lado, parece que o seu conceito de cifra é extremamente complexo, e a própria cifra necessita de uma certa "categorização" para ser concebida, mesmo sob o aspecto da sua emergência histórica. Em alguns momentos, ela parece ser mais categórica que transcendente, e em outros, mais transcendente que categórica.

Ademais, a leitura que Jaspers possivelmente faz da analítica existencial de Heidegger, limitando o *Dasein* à existência empírica, parece ter mais um pressuposto teológico da realidade abrangente, do que uma filosofia da existência. Para superar o *Dasein* teria que haver o apontamento da possibilidade de leitura sobre o sentido do ser, a partir de um outro enfoque, e não da realidade abrangente, que acaba se tornando uma reeleitura da metafísica escolástica.

Por fim, para Heidegger o sentido do ser é o tempo, que por sua vez não tem sentido. Em Jaspers o sentido do ser é a transcendência, que não tem conteúdo, na unidade da realidade abrangente, limitada pela finitude. A abertura do ser, uma vez que é abertura e potência, não pode ser avaliada pelo seu "tamanho". O seu sentido está na própria abertura, e a tentativa de limitar o *Dasein* à existência empírica, como limite imposto pela categorização, reflete as consequências da abertura, e não o seu sentido em si, que permanece obscuro.